



A Cidade das Saúvas: o sítio da cidade moderna

La Ciudad de las Hormigas: el sitio de la ciudad moderna

E4_07 - Fabular Arquiteturas: reescrever a história e reaver futuros

Octávio Scapin Costa Pereira

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil

octavioscapin@gmail.com

Resumo: O ensaio é disparado por uma fotografia produzida durante a construção de Goiânia, na década de 1930, que registra uma máquina de matar formigas e seu inventor, Caram Zancul. A imagem, proveniente do arquivo fotográfico da nova capital de Goiás, aglutina uma reflexão sobre as políticas do arquivo e das imagens implicadas no projeto moderno-colonial de ocupação do interior do Brasil. O texto articula a fotografia a discursos científicos, administrativos e lexicográficos que, desde o século XIX, tratavam a saúva como praga e inimiga do progresso nacional, culminando na Campanha Nacional de Combate à Saúva, promovida pelo Estado Novo, compreendida como parte de um imaginário bélico e higienista que atravessa tanto a agricultura quanto o urbanismo, legitimando práticas de extermínio e controle no processo de construção das cidades modernas. Em diálogo com excertos do paradigmático tratado *De Re Aedificatoria*, de Leon Battista Alberti, o ensaio fabula a questão da escolha do sítio urbano, tensionando os critérios clássicos de salubridade e perigos naturais com a persistência das saúvas nas terras de Goyaz e apontando para as continuidades coloniais inscritas no projeto da cidade moderna.

Palavras-chave: arquivo; imagem; cidade moderna; saúva; fabulação

Resumen: *El ensayo se activa a partir de una fotografía producida durante la construcción de Goiânia, en la década de 1930, que registra una máquina para matar hormigas y a su inventor, Caram Zancul. La imagen, procedente del archivo fotográfico de la nueva capital del estado de Goiás, aglutina una reflexión sobre las políticas del archivo y de las imágenes implicadas en el proyecto moderno-colonial de ocupación del interior de Brasil. El texto articula la fotografía con discursos científicos, administrativos y lexicográficos que, desde el siglo XIX, trataban a la saúva como plaga y enemiga del progreso nacional, culminando en la Campaña Nacional de Combate a la Saúva, promovida por el Estado Novo, comprendida como parte de un imaginario bélico e higienista que atraviesa tanto la agricultura como el urbanismo, legitimando prácticas de exterminio y control en el proceso de construcción de las ciudades modernas. En diálogo con fragmentos del paradigmático tratado De Re Aedificatoria, de Leon Battista Alberti, el ensayo fabula la cuestión de la elección del sitio urbano, tensionando los criterios clásicos de salubridad y peligros naturales con la persistencia de las saúvas en las tierras de Goyaz y señalando las continuidades coloniales inscritas en el proyecto de la ciudad moderna.*

Palabras-clave: *archivo; imagen; ciudad moderna; saúva; fabulación*

Este ensaio é um pequeno recorte que se desdobra do exercício de fabulação com uma das imagens fotográficas do arquivo da construção da cidade de Goiânia, capital de Goiás, formalizado mais longamente na tese de doutorado recém defendida na Escola de Arquitetura da UFMG, intitulada *Contar com as imagens - 7 fotografias da cidade moderna*. A pesquisa de doutoramento nasceu do trabalho — em andamento desde 2019 — com o coletivo da História Natural de Goyaz, composto por Henrique Borela e Ana Flávia Maru, além do autor.

A investigação do coletivo parte do arquivo fotográfico da construção de uma das cidades modernas planejadas pelo estado brasileiro no século XX, numa tentativa de participar do debate sobre as políticas do arquivo e, mais especificamente, sobre as políticas da imagem no contexto da ocupação do interior do Brasil, desdobrando objetos em suportes diversos, como textos, publicações, objetos audiovisuais, roteiros, instalações, etc.

A prática com arquivo atravessa a pesquisa, na medida em que as imagens que a estruturam seu percurso são abrigadas por arquivos institucionais, públicos e privados. Compreende-se que a própria relação das imagens de arquivo com o processo de construção das cidades modernas suscitam questões dada a implicação institucional destes arquivos na viabilização e operacionalização de processos de ocupação, controle e pilhagem de terras à Oeste do país, cujo verniz instaurado pelo signo do *moderno* não hesita em escamotear suas garras coloniais. “O regime do arquivo molda um mundo, não apenas distorce os modos como ele é percebido (suas representações)” (AZOULAY, 2019, p. 91).

Parte-se, neste ensaio, de uma das imagens disparadoras da pesquisa, arquivada no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), na cidade do Rio de Janeiro. A imagem de uma máquina de matar formigas é atravessada aqui com um longo trecho do paradigmático livro de Alberti — *De Re Aedificatoria* ou *A arte de construir*, editado pela primeira vez em 1485 — para fabular um aspecto do longo processo de construção de uma cidade: a escolha do sítio de implantação do novo núcleo urbano.



Figura 01: Máquinas de Matar Formigas e seu inventor Caram Zancul, durante a construção da cidade de Goiânia, Goiás. Fonte: CPDOC-FGV, Raymundo Moreira da Silva, 1937.

Caram Zancul está à esquerda, um passo à frente da máquina de matar formigas, das oito crianças e do adulto que a circundam. Vestido com um blazer, lança seus dois braços para baixo, como quem finaliza um movimento de continência. Em sua mão direita é possível ver uma pequena folha publicitária cujo verso trazia anotações sobre o projeto arquitetônico, em Art Déco, para o edifício da fábrica da matar formigas. Corre a lenda em Goyaz, que o projeto foi devorado pelas saúvas meses depois da foto. Ao fundo, nota-se uma cerca de madeira que delimita o sítio da casa, com uma extensa parede branca caiada, que não esconde o assentamento dos tijolos na quina. O telhamento de barro deixa seus caibros levemente aparentes como se fossem pontos de luz. O fotógrafo pede para que todos olhem para a câmera. Todos obedecem, com exceção de um pequeno menino, ao lado do adulto, à direita da imagem. O menino olha para o chão, na direção da estrutura de madeira que sustenta o corpo principal da máquina e diz: “tem uma saúva espiã”!. A fala inusitada acaba por tirar alguns dos risos que aparecem na foto e faz com que o rapaz logo atrás do menino, também sorrindo, coloque as duas mãos em seus ombros, impedindo que a criança vá em direção à saúva. (SCAPIN, 2025, p. 269)

Goyaz, na década de 1930, era um estado eminentemente agrário, sobretudo com o declínio da mineração de ouro, motivo determinante para a intensificação da colonização e pilhagem das terras goianas desde o século XVIII. Mesmo nos tempos da mineração, a economia estatal sempre fora dominada pelas elites da produção agropecuária, fato que é ainda definidor da imagem do estado de Goyaz e do centro-oeste brasileiro em sua auto-versão neoliberal-bolsonarista impulsionada nas mídias: “o agro é pop”.

As formigas já estavam na terra muito antes da invasão bandeirante e seriam implacáveis contra as investidas do império português, do império brasileiro, ou, mais a frente, contra a república cujo estado grafamos moderno-colonial, na medida desta continuidade. São inúmeros os relatos sobre a presença incontestada das saúvas em todo o território brasileiro. “No Brasil não há terra sem saúva. Há terras: 1) com muita saúva; 2) com pouca saúva; e 3) terras onde a saúva ainda não faz mal às plantas econômicas”, lia-se no artigo “Ministério da Saúva”¹, de J. A. Antonil, que apelava para a criação de um Ministério das Saúvas pelo governo federal, a fim de empreender operações sistemáticas de extermínio das formigas.

A fantasia ministerial de Antonil seria contemporânea de um empreendimento muito real: a Campanha Nacional de Combate à Saúva, encampada pelo Ministério da Agricultura do então Estado Novo da ditadura Vargas, na mesma década de 1930 do referido artigo. A campanha lançava mão de um slogan, proveniente de uma das obras do naturalista e botânico francês Auguste de Saint-Hilaire, que, em expedição ao Brasil, entre os anos de 1816 e 1822 concluiu: “ou o Brasil acaba com a saúva, ou a saúva acaba com o Brasil”.

O Ministério da Agricultura, convencido um dia de que a saúva é mesmo uma praga, capaz de destruir lavouras inteiras, resolveu empreender campanha sem treguas contra o bichinho feroz. O lema era guerra de morte à saúva. Apareceu até uma frase bonita e fulminante: “Ou o Brasil mata a saúva ou a saúva mata o Brasil”. / Os técnicos do Ministério – não fosse ele da Agricultura – andavam numa dobada. Já ninguém dizia ao próximo, quando brigava: “vá comer formigas”. Valeu uma paródia patriótica: “vá matar saúvas”. Ensinar a matar formiga era uma coisa como ensinar a ler. Uma febre, aquela guerra à saúva! / Fogo de palha. O sr. Odilon Braga, ao que parece, achou preferível acabar com a formiga por meio de circulares. E saíram do Ministério alguns milhares de cartazes de propaganda contra a saúva, com instruções práticas sobre o melhor meio de a liquidar. Os cartazes são bonitos e de gosto, como desenho. Acontece, porém, que, enquanto o lavrador, sem recursos até para o custeio modesto de sua roça, decifra o cartaz, soletrando os dizeres e elogiando o desenho, a saúva opera silenciosa e voraz o seu trabalho de destruição. / A formiga vence gloriosamente a burocracia! (CORREIO DA MANHÃ, 1937)

¹ Revista de Agricultura - Publicação bi-mensal de ensino teórico e prático (1930).



Desde o século XIX a saúva já recebia da institucionalidade colonial a alcunha de praga, o grande flagelo da agricultura no Brasil, o inimigo a ser combatido em prol do progresso brasileiro. Em entrevista com a pesquisadora mineira Valéria Silva, historiadora mineira, que dedicaria seu mestrado a contar a história do combate às saúvas, ela nos diz:

“Eu trouxe esta imagem do formicida Agapéama, um formicida bem famoso no século XX, que traz essa ideia de que as formigas estavam tomando o Brasil. E é muito significativa esta propaganda [que coloca] a formiga sobre o mapa. Esse teor, essa coisa de um discurso bélico, de que nós temos que combater a formiga, já começa no século XIX, essa coisa de ser um flagelo, o maior flagelo da agricultura, frase muito usada. Chamar as formigas de praga. Mas todos nós sabemos que as pragas não existem por um acaso. Nenhuma espécie nasce praga. Para que isso aconteça tem que ter alguma interferência, algum tipo de distúrbio.”²



Figura 02: Anúncio do Sauvicida Agápêama na Revista Chácara e Quintas, número 43, Ano 1931.

² Transcrição de trecho da entrevista realizada com a pesquisadora Valéria Silva em 2021. A entrevista foi realizada com o Coletivo da História Natural de Goyaz, como parte da investigação em torno da imagem da máquina de matar formigas.

As interferências e os distúrbios seriam de muitas ordens, de muitas naturezas. Nos dicionários de tupi produzidos no início do século XX, a saúva já recebia em sua lexicografia o estigma do grande flagelo, como na suposição de Teodoro Sampaio sobre a etimologia da palavra *saúva*, em *O tupi na Geografia nacional*, de 1901, em que traz os seguintes verbetes:

SAÚVA corr. Yçáub, ou yçá-ub, o pai das formigas, a formiga-mestra. *Pode ser corrupção de yçá-ayba e significa - a formiga má, a que destrói as plantas.* Alt. Içaubá, Çaubá, ou Saúba, Sauva; IÇÁ s. A formiga grande que os índios comiam. Entre os guaranis, yça, entre os tupis, tanajura. O vocábulo yça é contração de yçaba, significando gordura, pois tinham os índios por tal o que se continha no abdome desta formiga.

Ou ainda E. Stradelli, que em seu *Vocabulário Nheengatu-Português*, de 1929, recoloca a saúva como praga numa frase superlativa e antropomórfica:

SAYUA saúva, formiga do gênero Ata; nome genérico dado às operárias da mais daninha das formigas, e que se distinguem exatamente pela robustez e tamanho do queixo com que cortam e danificam as plantações; FORMIGA (não há nome genérico) Taxiua, Sayua, Curupé, Mingauayma, Iukitaia, Piri, Piripiri, Tanaiúra, Tocandyrá, Tapiú, Taoca, Taxi, Taracué, Maniurá, Içá, Uaimy, Racua, etc.³

Os verbetes, entretanto, também deixam escapar outras significações, que apontam para as outras relações tecidas com as formigas e mais especialmente com as saúvas pelos povos que faziam uso do tupi. A partir dos impasses da tentativa de dicionarização parece também escapar a hoje conhecida participação das formigas na alimentação de muitas etnias, hábito que depois seria incorporado nos centros urbanos; bem como a inexistência de uma única palavra que reunisse o conjunto das formigas, e sim várias palavras para designar as várias formigas em confluência com os outros seres.

5

Goiânia começa a ser construída em 1933, um empreendimento encampado no âmbito da marcha para o oeste, extenso projeto de colonização e pilhagem das terras do interior do país, rumo à Amazônia brasileira, patrocinado pelas elites e as forças militares da ditadura varguista. É neste contexto que a fotografia da máquina de matar formigas é produzida.

Caram Zancul receberia a doação de uma área destinada a implantação de uma fábrica para a produção das máquinas. A concessão seria decretada em 9 de Abril de 1938 (DECRETO-LEI Nº 605), quando o Palácio das Esmeraldas “autoriza a Secretaria Geral a conceder ao Sr. Caram Zancul, na zona industrial, nesta Capital, terrenos que se tornarem necessários para instalação de uma fábrica de extintores de formigas.” Ainda dizia o decreto que “ao mesmo senhor o Estado

³As duas primeiras entradas são de *O tupi na Geografia nacional* (1901) de Teodoro Sampaio, e as outras duas de *Vocabulário Nheengatu-Português* (1929) de E. Stradelli.

concederá isenção de impostos por três anos” e “intervirá juntos às Prefeituras, para que elas adquiram as primeiras trinta máquinas fabricadas em Goiânia.”

Em 2 de Outubro de 1942, porém, um novo decreto é emitido pelo governo do estado em que

fica estipulado o prazo improrrogável de seis meses para Caram Zancul instalar, definitivamente, nesta Capital, a fábrica de extintores de formigas a que se referia o decreto anterior. Escoando o prazo concedido, sem que o interessado haja cumprido as suas obrigações, considerar-se-á de nenhum efeito a doação condicional do lote de terras nº 141, da quadra 123, zona industrial, localizado na Avenida Goyaz, desta Capital, ficando, de consequência, livre ao Estado, aliená-lo a quem lhe aprouver, sem direito a qualquer indenização ou restituição, ou mesmo retenção por benfeitorias. (DECRETO-LEI Nº 6488)

A fábrica de máquinas de matar formigas de Caram Zancul nunca foi construída em Goiânia.

6

Nas primeiras páginas de seu famoso tratado, *De Re Aedificatoria*, Alberti instrui os arquitetos sobre a importância de uma correta escolha do lugar para se construir uma cidade. Já no início de sua argumentação, ele nos diz que evitaria construções em territórios desérticos, em uma ilha de difícil acesso ou mesmo em um cume íngreme. Trazendo vários exemplos de cidades na história até então, o autor vai colocando os prós e contras das escolhas do lugar, com relação a alguns tipos de terreno, seu clima e o tipo de configuração dos espaços, além de trazer argumentos de figuras notórias, quando coloca as perspectivas do imperador Alexandre em contraposição a Aristóteles.

Com muita razão disse Alexandre que não queria fundar uma cidade no monte Atos, pois a posição dessa cidade, que pelos demais seria magnífica, segundo o projeto do arquiteto Polícrates, iria dificultar o abastecimento de mercadorias aos seus habitantes. Parece que a Aristóteles lhe agradaria sobremaneira, na hora de fundar uma cidade, este tipo de opção, que fosse numa área de acesso difícil; e de fato, houve, do que consta, alguns povos que fizeram com que os limites de seus territórios estivessem constituídos por zonas totalmente áridas e privadas de qualquer tipo de conforto, com o objetivo de desencorajar os inimigos. (ALBERTI, [1485]2012, p. 42)

Após considerações gerais sobre o clima dos lugares, que parecem indicar mais suas preferências pessoais do que uma análise técnica, Alberti faz a primeira referência direta ao tratado de Vitruvius, indicando que a obra o eximiria de uma análise detalhada sobre a questão das águas e os fenômenos relacionados à elas que podem causar problemas de saúde aos habitantes e que, claro, por isso constituiriam condições a serem evitadas quando da escolha do lugar para construir uma cidade.

Portanto, a conformação do lugar deverá ser digna e agradável; nunca baixa e quase afundada, mas, ao contrário, em uma posição elevada à

guisa de mirante, e tal que possa ser continuamente alegrada por um ar puro. Haverá, além disso, tudo o que for necessário para satisfazer exigências práticas e volitivas a qualquer hora e em abundância: água, fogo, alimentação. Dito isso, dever-se-á cuidar, todavia, para que nada comprometa a saúde dos habitantes e dos seus bens: é preciso descobrir as nascentes, experimentar a sua água, e testá-la com o fogo para que não contenha nenhuma viscosidade, mofo ou algo indigesto, por causa do quais possam ficar enfermos seus habitantes. Não falarei daquelas águas que causam o bócio ou os cálculos renais, assim como daqueles fenômenos que acontecem excepcionalmente sobre as águas, porque já foram tratados com grande erudição e elegância por Vitruvius, o arquiteto. (p. 43)

Entre análises, exemplos, citações, pormenorizações e perspectivas sobre as variáveis para a escolha do lugar a ser construída uma cidade, Alberti será categórico sobre um espaço que lhe parece absolutamente impróprio para se estabelecer uma cidade. Dois séculos depois do tratado de Alberti, os portugueses teriam notícia de existência de ouro na Província de Goyaz e estabeleceriam uma cidade justamente nas condições não recomendadas pelo arquiteto florentino, seja por seu clima, seja por estar situada no fundo de um vale, aos pés da Serra Dourada. “Por isso, diz-se que uma cidade situada na falda de montanhas, cujo declive está orientado para ocidente, é sumamente insalubre, sobretudo porque se sofrem de maneira súbita os vapores e as sombras especialmente frias à noite.” (p. 46)

Como vimos, entre os argumentos que tratavam do isolamento da velha capital, bem como de seu atraso econômico em relação ao resto do país, sob as vestes da palavra “decadência”, a justificativa da salubridade do local de implantação da Cidade de Goyaz seria crucial para os mudancistas que construiriam Goiânia. O relatório preparado pelos profissionais contratados por Pedro Ludovico seria recheado de justificativas que apontavam para a questão da localidade em relação à saúde dos seus habitantes e do comprometimento com o futuro da população se se mantivesse a capital neste lugar. O relatório foi enviado a Getúlio Vargas em 1933 e trazia o trecho abaixo transcrito seguido de um desdobramento de cada item destacada neste resumo:

A Capital de Goiaz é, sem dúvida, uma daquelas cidades cujo estado sanitário, dia a dia a pior, reclama as mais prontas e enérgicas providências. Situada no meio de uma bacia, conquanto sobre terreno acidentado, cercada de altos montes que a comprimem em diminuto ambito, embaraçando-lhe a regular ventilação, estreitando-lhe, demais, o horizonte visual; castigada por excessiva temperatura graças à sua baixa latitude de quase 16° S, não corrigida pela altitude ou por causas locais; com uma edificação antiga, obedecendo, *in totum*, à arte colonial, que era antes a negação dos mais rudimentares principios arquitetonicos e dos mais salutareos preceitos da moderna higiene, espreguiçando-se às margens do Rio Vermelho, mas curtindo verdadeira sêde de Tântalo, visto como a água viscosa deste ribeiro, despejo e lavadouro da população, não é e nem pôde ser convenientemente distribuida às casas, e porque a fornecida pelo unico chafariz existente e parcas fontes carece das condições de abundancia e necessaria potabilidade; desprovida de bom sistema de esgotos, capaz de evitar o uso prejudicialissimo das latrinas perfuradas no terreno, onde as materias fecais sem escoamento entram em rapida

decomposição e exalam deleterios miasmas e absorvidas pelo subsólo, bastante permeavel, comunicam-se com os poços de serventia, de ordinario abertos nas proximidades daqueles focos de infecção, a decadente Vila Boa hospéda em seu seio poderosos agentes de destruição, que hão de, em breve, transformá-la em vasta Necropole, onde a morte campeie com todo o seu cortejo de horrores. Ainda há pouco as febres palustres, valentemente auxiliadas pela terrível influenza e por outras enfermidades, vieram provar a razão do acerto; porquanto houve dia em que se deram oito óbitos, mortalidade aterradora para uma pequena cidade de dez mil almas, se tanto! (MONTEIRO, 1938, p. 5)

Mas após suas detidas considerações sobre a questão da água e sua importância para a escolha do lugar, Alberti nos adverte que é preciso notar se o ambiente não produz algo perigoso para seus habitantes e relata o que o autor chama de “famosos exemplos que relatam os antigos”, dando notícia de lugares com vegetação desconhecida e venenosa.

Da mesma forma, dever-se-á cuidar que o ambiente não produza algo tão infeto ou pernicioso que ameace os habitantes. Omitimos os famosos exemplos que relatam os antigos. Como o da Cólquida [nota 8: antiga região da Ásia Menor], onde das folhas das árvores gotejava um tipo de mel que quem o saboreasse desmaiava, deixando-o aparentemente morto por um dia inteiro; ou o de Plutarco, o qual relata como os soldados de Antônio, por falta de trigo, teriam comido umas ervas venenosas que os tornaram loucos, tanto que começaram a extrair pedras, até quando, por causa de um deslocamento da bÍlis, caÍam no chão e morriam; e a única solução que encontraram contra essa praga foi beber vinho. Essas histórias são bastante conhecidas. (p. 44)

O autor segue dando um exemplo desta vez não sobre folhas de árvores ou ervas venenosas, mas sobre uma pequena espécie de aranha encontrada na região de Apúlia, na Itália.

Mas, infelizmente, atualmente na Itália, na região chamada de Apúlia, tem-se espalhado um veneno terrível e muito potente: por causa da mordida de uma pequena aranha de terra, os homens são levados ao delÍrio de várias formas, até enlouquecer. Uma coisa muito estranha é que a picada ou a mordida do venenoso bicho não deixa nenhuma intumescência e nenhum hematoma no corpo; primeiramente, as pessoas ficam atordoadas até perder os sentidos; e, se não receberem socorro, em breve falecem. São curados com o remédÍo de Teofrasto, que sustentava ser possível sarar da mordida da víbora mediante o som da flauta. Os tocadores tentam tranquilizar com diferentes harmonias os ouvidos dos doentes, até quando estes, uma vez ouvida a que lhes agrada mais, acordam de repente e se levantam, e acompanham a música com furor e um prazer mórbido, com toda a energia de seus nervos e músculos. Acontece que, entre os que foram mordidos, muitos dançam, outros cantam, outros fazem exercícios conforme lhes sugerem a paixão e a loucura; e continuam assim durante muitos dias

ininterruptamente, suando demasiadamente, até o esgotamento extremo; e nem podem curar-se até que aquela loucura que tomou posse deles fique completamente saciada. Um fato similar parece ter acontecido com os albanos que lutaram contra Pompeu com uma poderosa cavalaria. Parece que no seu território teria existido uma abundância de aranhas que causavam a morte com suas mordidas, levando alguns ao choro, outros ao riso.” (ALBERTI, [1485]2012, p. 44-45)

Não consta que ao ser mordido por uma *saúva* o sujeito começa a delirar, sendo levado à loucura, ao choro ou ao riso, mas não deixa de ser fantástica a história que nos conta Alberti diante de tantas aparições das saúvas nas terras de Goyaz.

Referências Bibliográficas

ALBERTI, Leon Battista. *De Re Aedificatoria - A Arte de Construir*. Tradução e organização de Sérgio Romanelli. São Paulo: Hedra, 2012.

AZOULAY, Ariella. *Potential History, Unlearning Imperialism*. Verso Books. London, UK. [versão em ebook] 2019.

CORREIO DA MANHÃ, *A formiga vence a burocracia*. Acesso na Hemeroteca Digital em Março de 2020. Edição de 18 de Agosto de 1937.

MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento. *Como Nasceu Goiânia*. 1ª edição. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1938.

SAMPAIO, Teodoro. O tupi na Geografia nacional. Memória lida no Instituto Historico e Geographico de S. Paulo. São Paulo: Typographia da Casa Eclectica, 1901.

SCAPIN, Octávio. *Contar com as imagens - 7 fotografias das cidade moderna*. Tese de doutorado em Arquitetura e Urbanismo. Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2025.

SILVA, Valéria Mara. *Nascidas do sol e da chuva: Minas Gerais e o combate às saúvas (1928-1936)*. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 2007.

STRADELLI, Ermano. *Vocabularios da lingua geral portuguez-nheêngatú e nheêngatúportuguez, precedidos de um esboço de Grammatica nheênga-umbuê-sáua mirí e seguidos de contos em lingua geral nheêngatú poranduua*. Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Tomo 104, Volume 158, p. 9-768. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1929.